



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

BULLYING NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ITAPETINGA-BA

Dulcinéia da Silva Adorni*
(UESB)

RESUMO

Este artigo visa descrever um levantamento e a análise da situação das escolas públicas de Itapetinga-BA quanto à prática de Bullying, feitos a partir de dados coletados por alunos do curso de extensão “Bullying nas escolas: ações educativas preventivas e remediativas para efetivação do direito à inclusão e cidadania”, desenvolvido no segundo semestre de 2010. Os resultados obtidos revelam a incidência do bullying em nossas escolas e a necessidade de investimento urgente na formação continuada de professores para que possam enfrentar esta problemática.

PALAVRAS-CHAVE: bullying; educação; violência.

INTRODUÇÃO

A prática do Bullying nas escolas de todo o mundo vem avançando nos últimos anos, tornando-se um problema endêmico, cuja abordagem requer urgência. Os comportamentos violentos no âmbito escolar ocorrem (ou podem ocorrer) em todos os níveis de ensino por parte dos diferentes personagens que compõem o cenário educacional institucional. Neste contexto, os alunos são os alvos mais visados, geralmente por parte de um colega ou de um grupo deles. As conseqüências desta prática que compreende agressões físicas e verbais, assédios e todo tipo de ações desrespeitosas ao ser humano são trágicas. A mídia não se

*Professora Assistente do DEBI/UESB e colaboradora do GEPAD – Museu Pedagógico: estudos e pesquisas sobre álcool e drogas. E-mail: dulce.spba@hotmail.com

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

cansa de noticiar casos de bullying que terminam em traumas físicos, psicológicos e sociais ou, nos casos mais contundentes, chegam à morte. Tal a gravidade do cenário que o Ministério Público do Estado da Bahia recentemente lançou uma campanha sobre o tema. Na cidade de Itapetinga a situação não é diferente, vários são os casos que chegam aos órgãos públicos vinculados à área de educação e justiça. Neste sentido, no mês de julho/2010, a Promotoria Pública do município promoveu uma audiência pública na qual o tema foi debatido, surgindo a necessidade de oferecer aos professores subsídios teóricos e práticos para que possam enfrentar esta problemática. Partindo destas questões, e considerando que é papel da universidade contribuir para a ampliação deste debate e para a formação de professores, propusemos o desenvolvimento de um curso de extensão com o objetivo de oferecer subsídios aos educadores da rede pública municipal e estadual do município para que pudessem identificar e abordar de forma significativa a prática do bullying nas escolas, e ao mesmo tempo, transformar-se em agentes multiplicadores nas suas unidades de ensino.

Coube a cada educador aplicar um questionário aos alunos de uma sala de aula de Ensino Fundamental, perfazendo um total de 230 sujeitos.

Os dados coletados foram bastante significativos, corroborando para a nossa percepção da necessidade de enfrentamento urgente desta problemática. Um número expressivo de alunos (76%) referiu ter sido vítima de intimidação, agressão ou assédio nas escolas, sendo em grande parte essas agressões verbais e/ou físicas, camufladas sob a forma de “brincadeiras”.

Sabemos que as brincadeiras são naturais entre os seres humanos, principalmente entre crianças e adolescentes nos vários âmbitos da vida cotidiana, inclusive no escolar. Autores como Vygotsky (1989), Kishimoto (2002), dentre outros, afirmam a importância do brincar para o desenvolvimento infantil nos seus vários aspectos: emocional, social, lingüístico, cognitivo, moral etc. No mesmo



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

sentido, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL, 1998) destaca a importância da brincadeira para o desenvolvimento das crianças.

A brincadeira favorece a auto-estima das crianças, auxiliando-as a superar progressivamente suas aquisições de forma criativa. Brincar contribui, assim, para a interiorização de determinados modelos de adulto, no âmbito de grupos sociais diversos. Essas significações atribuídas ao brincar transformam-no em um espaço singular de constituição infantil. (BRASIL, 1998, p.27).

No entanto, observamos que, algumas vezes, as brincadeiras extrapolam os objetivos lúdicos, tornando-se, em alguns casos, verdadeiras torturas físicas, morais e psicológicas.

Segundo Silva (2010, p.13), “brincadeiras normais e sadias são aquelas nas quais todos os participantes se divertem. Quando apenas alguns se divertem à custa de outros que sofrem, isso ganha outra conotação, bem diversa de um simples divertimento”. Quando a prática de “falsas brincadeiras” torna-se constante e repetitiva, recebe o nome de Bullying.

Entende-se por bullying escolar todas as formas de atitudes agressivas, intencionais e repetidas, que ocorrem sem motivação evidente, adotado por um ou mais estudantes contra outro(s), causando dor e angústia, e executado dentro de uma relação desigual de poder. Silva (2010) afirma que os atos repetidos entre iguais (estudantes) e o desequilíbrio de poder são as características essenciais, que tornam possível a intimidação da vítima.

Diversos pesquisadores em todo o mundo têm direcionado seus estudos para esse fenômeno que, segundo Almeida (2010) toma aspectos preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixas etárias cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade. A autora afirma que estudos recentes apontam no sentido da sua disseminação por todas as classes sociais e uma

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

tendência para um aumento rápido desse comportamento com o avanço da idade, da infância à adolescência.

Por meio de nosso levantamento, 17% dos entrevistados afirmaram ter sido vítimas de intimidação, agressão ou assédio no ambiente escolar com menos de 5 anos de idade e 66% com idade entre 11 e 14 anos. Considerando que esta última é a faixa etária na qual a maioria dos entrevistados se enquadra, inferimos que o bullying é uma prática atual e cotidiana, cada vez mais presente nas instituições escolares, sendo que sua incidência começa já na educação infantil.

Em estudo realizado pela ABRAPIA – Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência, 40,5% dos 5785 alunos de 5ª a 8ª séries admitiram estar diretamente envolvidos em atos agressivos na escola. (LOPES NETO, MONTEIRO FILHO e SAAVEDRA, 2010). Em nosso levantamento, 40% dos alunos entrevistados afirmaram já ter intimidado, agredido ou assediado alguém, e 76% deles afirmaram já ter sido vítimas dessas mesmas práticas.

Lopes Neto (2005), afirma que a agressividade nas escolas é um problema universal, e o bullying e a vitimização representam diferentes tipos de envolvimento em situações de violência durante a infância e adolescência.

O bullying diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal através da agressão. A vitimização ocorre quando uma pessoa é feita de receptor do comportamento agressivo de outra mais poderosa. Tanto o bullying como a vitimização têm conseqüências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas e observadores. (LOPES NETO, 2005, p.165).

Observa-se que, muitas vezes, os comportamentos agressivos que ocorrem dentro das escolas são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

habitualmente ignorados ou não valorizados tanto pelo corpo técnico-administrativo e docente da escola quanto pelos pais.

Na ocasião do oferecimento do curso de extensão, por exemplo, durante a visita às escolas, muitas vezes ouvimos dos diretores: “Ah, aqui não tem bullying, não. O que tem é brincadeira de menino, de colocar apelido, dar rasteira, essas coisas bobas”. Este tipo de afirmação é o que os autores chamam de negação da realidade e que trabalha na contramão do enfrentamento da problemática. É preciso estar atento para detectar quando as situações deixam de ser brincadeiras e se transformam em bullying.

Segundo os entrevistados, a prática do bullying em nossas escolas é algo recorrente: 25% dos alunos referem ter sido intimidados, agredidos ou assediados diversas vezes, 19% quase todos os dias e 9% várias vezes ao dia. Esta agressão ocorre dentro da sala de aula (28%), indo ou vindo para a escola (19%), no pátio (17%) e nos banheiros (3%). São citados ainda “outros locais” ou “diversos locais”. Ou seja, a situação é realmente alarmante. O bullying escolar vem ocorrendo sob nossos olhos, mas há uma tendência não só a minimizá-lo, mas a negá-lo. Até quando fingiremos não ver o que acontece com nossos alunos dentro de nossas escolas, dentro de nossas salas de aula? Será preciso uma conseqüência mais trágica (morte) para que nosso olhar se volte para a necessidade de repensar a escola enquanto um ambiente de construção de uma cultura de paz e não de (re) produção da violência? Um ambiente no qual se transmitem valores e referências morais? Afirma Piaget (1988, p.35):

A educação não é uma simples contribuição que se viria acrescentar aos resultados de um desenvolvimento individual espontâneo ou efetuado com o auxílio apenas da família: do nascimento até o fim da adolescência a educação é uma só, e constitui um dos dois fatores fundamentais necessários à formação intelectual e moral, de forma que a escola fica com boa parte da responsabilidade no que diz respeito ao sucesso final ou



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

ao fracasso do indivíduo, na realização de suas próprias possibilidades e em sua adaptação à vida social.

É, portanto, responsabilidade da escola não só propiciar a aquisição de conhecimentos científicos, mas contribuir para o desenvolvimento pleno do indivíduo, como pessoa e como cidadão.

Afirmar o direito da pessoa humana à educação é, pois, assumir uma responsabilidade muito mais pesada que a de assegurar a cada um a possibilidade da leitura, da escrita e do cálculo: significa, a rigor, garantir para toda criança o pleno desenvolvimento de suas funções mentais e a aquisição dos conhecimentos, bem como dos valores morais que correspondam ao exercício dessas funções, até a adaptação à vida social. (PIAGET, 1988, p.34).

Os protagonistas do bullying escolar têm tolhidas suas possibilidades de adaptação à vida social e também de realização enquanto indivíduos. Não podemos esquecer, ainda, que o protagonista do bullying não é só quem agride. É assim considerado tanto quem o pratica maltratando o outro (AGRESSOR), como quem o sofre (VÍTIMA) e também quem assiste (EXPECTADOR). Cada qual com seu papel e sua função dentro desta dramática realidade de agressão, medo, dor e silêncio.

Partindo do pressuposto de que as intimidações, agressões ou assédio vêm ocorrendo no âmbito escolar – sala de aula, pátio, banheiro etc. – os agentes educacionais podem ser considerados protagonistas do bullying. Enquanto atitudes efetivas não forem tomadas no sentido de coibir práticas desse tipo e favorecer a cultura da paz, seremos todos expectadores desta triste realidade.

Expectadores do bullying são aqueles que, segundo Silva (2010, p. 45) “testemunham as ações dos agressores contra as vítimas, mas não tomam qualquer atitude em relação a isso: não saem em defesa do agredido, tampouco se juntam aos agressores”. A autora os classifica em três tipos: passivos – apesar de não

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

concordarem com as atitudes dos bullies, permanecem passivos, geralmente por medo de tornarem-se a próxima vítima; ativos – apesar de não participarem ativamente dos ataques contra as vítimas, manifestam apoio moral aos agressores, com risadas e palavras de incentivo; neutros – aqueles que não manifestam sensibilidade pelas manifestações presenciadas (o que a autora chama de “anestesia emocional”).

Resta apenas saber que tipo de expectadores nós, educadores, somos. A nossa passividade diante da situação é sine qua non: não concordamos com as práticas agressivas, mas... “o que eu, sozinha, posso fazer?” ou “vou me meter em briga de alunos para depois sobrar para mim? A violência é coisa recorrente na vida dessas crianças”. Transformamo-nos em expectadores ativos algumas vezes? Até que ponto nossas atitudes de “deixa pra lá” para a vítima, não são entendidas pelo agressor como sinal de apoio moral ou mesmo incentivo? Ou ainda será que estamos tão “calejados” desta realidade desalentadora que nos transformamos em expectadores neutros, desenvolvendo o que a autora chama de anestesia emocional? A busca destas respostas foge ao âmbito deste trabalho, mas as questões ficam como reflexões.

No levantamento realizado, constatamos a ocorrência das diversas formas de bullying. Quando indagados sobre o tipo de agressão a que foram submetidos, os alunos fazem referência às mais variadas formas de intimidação, agressão ou assédio: verbal (35%), física (34%), racista (15%), emocional (11%) e sexual (5%). Esses dados são extremamente preocupantes, mais ainda por estarmos falando em bullying escolar. Frequentar a escola é um direito constitucionalmente adquirido (BRASIL, 1988). No entanto, até que ponto este direito é respeitado quando nossos alunos são alvos de todo tipo de ações desrespeitosas ao ser humano num ambiente que deveria ser “educativo”?

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

Faz-se necessária, também, uma reflexão sobre o agressor enquanto ser em formação. Quais são as possibilidades oferecidas a ele no sentido de mudança de comportamento, de desenvolvimento moral e ético? A ação educativa não é influenciada apenas pelos comportamentos individuais de quem a exerce, em especial, pais e professores. Os aspectos sociais também atuam profundamente no processo educativo sobre a base biopsicológica de cada indivíduo. Neste contexto, de acordo com Silva (2010, p.57), “cabe à sociedade, transmitir às novas gerações valores e modelos educacionais nos quais os jovens possam pautar sua caminhada rumo à vida adulta de cidadão ético e responsável”.

Segundo a mesma autora, os agressores podem ser de ambos os sexos, possuem em sua personalidade traços de desrespeito e maldade e, na maioria das vezes, essas características estão associadas a um perigoso poder de liderança. Geralmente, esse poder de liderança é obtido ou legitimado através da força física ou do intenso assédio psicológico. O agressor pode agir sozinho, porém quando está acompanhado de “seus seguidores”, seu poder de destruição é ainda maior, pois “ganha reforço exponencial, o que amplia seu território de ação e sua capacidade de produzir mais e novas vítimas” (SILVA, 2010, p.43).

Os agressores apresentam, desde muito cedo, aversão às normas, não aceitam serem contrariados ou frustrados, geralmente estão envolvidos em atos de pequenos delitos, como furtos, roubos ou vandalismo, com destruição do patrimônio público ou privado. O desempenho escolar desses jovens costuma ser regular ou deficitário; no entanto, em hipótese alguma, isso configura uma deficiência intelectual ou de aprendizagem por parte deles. Muitos apresentam, nos estágios iniciais, rendimentos normais ou acima da média. O que lhes falta, de forma explícita, é afeto pelos outros. (SILVA, 2010, p. 43).

A maioria dos alunos entrevistados que relata já ter sido vítima de intimidação, agressão ou assédio, afirma que seus agressores eram do sexo

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

masculino (70%). No entanto, o percentual feminino não deixa de ser também preocupante. O bullying não é primazia do sexo masculino, culturalmente tido como mais agressivo. A prática de bullying parece estar ligada à ausência de afetividade por parte do agressor.

Para Silva (2010, p.44), a ausência de afetividade, ou “uma afetividade deficitária (parcial ou total), pode ter origem em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem”. Nesse caso, afirma a autora, as manifestações de desrespeito, ausência de culpa e remorso pelos atos cometidos, podem ser observadas desde muito cedo, por volta dos 5 a 6 anos de idade. A tendência é que essas crianças, quando crescidas, sejam capazes de cometer atrocidades cada vez maiores.

Considerando os 17% de entrevistados que referem ter sofrido intimidação, agressão ou assédio com menos de 5 anos de idade e os 66% de 5 a 11 anos, constatamos que a prática de violência escolar vem ocorrendo sob nossos olhos desde o primeiro nível de escolarização, podendo ser efetivamente observada, desde que seja ultrapassado o processo de negação da realidade quanto à ocorrência do bullying em nossas instituições de ensino.

As vítimas, segundo Silva (2010), podem ser classificadas em três grupos: as típicas, as provocadoras e as agressoras. Vítimas típicas, em geral, são aqueles alunos tímidos ou reservados, que apresentam pouca habilidade de socialização e não conseguem reagir aos comportamentos provocadores e agressivos dirigidos contra eles. Costumam ser fisicamente mais frágeis ou então apresentam alguma “marca” que os destaca dos demais: são gordinhos ou magrinhos demais, altos ou baixos demais, usam óculos, têm alguma deficiência física, são de raça, credo, condição socioeconômica ou orientação sexual diferentes etc. Os motivos que deflagram o processo de escolha da vítima do bullying nunca se justificam, são sempre os mais banais possíveis. As vítimas provocadoras são aquelas capazes de

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

insuflar em seus colegas reações agressivas contra si mesmas. Entretanto, não conseguem responder aos revides de forma satisfatória. Em geral, discutem ou brigam quando são atacadas ou insultadas. Neste grupo encontramos crianças ou adolescentes hiperativos e/ou impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. Sem perceberem acabam “dando tiros nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos – os quais se aproveitam dessas situações para desviarem toda a atenção para a vítima provocadora. Assim, os verdadeiros agressores continuam incógnitos em suas táticas de perseguição. Vítimas agressoras são aquelas que reproduzem os maus tratos sofridos como forma de compensação, ou seja, procuram outra vítima, ainda mais frágil e vulnerável que ela, contra a qual comete todas as agressões sofridas.

Podemos observar que cada personagem dessa trama dramática apresenta um comportamento típico, tanto na escola como em seu lar. Identificar esses comportamentos é de extrema importância para que as escolas e as famílias dos envolvidos possam elaborar estratégias e traçar ações efetivas para o seu combate.

Lopes Neto, Monteiro Filho e Saavedra (2010), afirmam que essas crianças, protagonistas de bullying, precisam muito mais de ajuda que de punição. Tornando-se urgente oferecer assistências a elas, para que esse ciclo de violência que vai se instalando em suas vidas possa ser interrompido. Perdemos tempo demais culpabilizando ou procurando culpados ao invés de buscarmos meios efetivos de enfrentamento da problemática.

Os próprios entrevistados têm suas hipóteses não só sobre os possíveis culpados, mas também, sobre o que poderia ser feito para a resolução do problema. Quando perguntado a eles quem consideram “culpado” pela ocorrência de agressões, 48% deles atribuíram a culpa ao próprio agressor, 25% aos pais, 11% à vítima, 7% à direção da escola e 1% ao professor. As crianças e os adolescentes parecem atribuir um peso grande ao próprio sujeito e à família,

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

corroborando com tese de Silva (2010, p.44) de ausência de afetividade, a qual pode ter origem “em lares desestruturados ou no próprio temperamento do jovem” e este pode ser um fator preponderante para a “construção” de bullies. Um dado interessante é que apesar de afirmarem que na maioria das vezes a prática do bullying ocorre dentro da sala da aula (28%), eximem o professor de responsabilidade (1%), atribuindo um grau maior dela à direção (7%).

Sobre o que poderia ser feito para resolver o problema, os entrevistados sugerem várias alternativas que vão do diálogo às práticas repressoras e agressivas: conversar com os pais; conversar com a direção da escola e pedir providências; expulsar os agressores da escola; bater e espancar os agressores; prendê-los; conversar com eles; conversar com um amigo sobre a agressão; chamar o Conselho Tutelar; ter policiamento nas escolas; fazer palestras sobre bullying; matar o agressor; dizer não ao assédio; promover o respeito, a união e a solidariedade a fim de evitar agressões físicas, psicológicas e o racismo.

Vivemos um momento de profundas transformações nas relações entre jovens e adultos, no qual a autoridade das velhas gerações é contestada, bem como a legitimidade da escola como espaço de transmissão de saberes relevantes é colocada em cheque a cada momento. Por outro lado, segundo Carvalho (2007) as escolhas às quais os alunos de camadas populares estão tendo acesso são de péssima qualidade, pois a expansão está sendo feita sem que haja recursos suficientes para a formação e o pagamento de salários adequados aos professores, para a montagem de bibliotecas, laboratórios e salas de informática, para que seja fornecido um ensino flexível e atraente. A qualidade de ensino envolve tanto aspectos materiais quanto a presença de um corpo docente estável e satisfeito, que disponha de tempo remunerado para reuniões e possa dedicar-se a uma única escola, como indicam estudos internacionais conduzidos pela UNESCO (1998 apud CARVALHO, 2007). Os professores sentem-se despreparados diante das novas



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

exigências das crianças e adolescentes, particularmente no que se refere à socialização, ao comportamento e à vida dos estudantes para além da escola.

Nossos alunos vivem num mundo que lhes oferece bem poucas alternativas de realização pessoal e profissional e que os bombardeia o tempo todo com valores ligados ao individualismo, à ascensão social, ao consumismo e à competitividade. Como trabalhar valores com essas crianças e adolescentes? Como contribuir para a construção de uma cultura de paz não só nas escolas, mas que possa ultrapassar os seus muros?

Acreditamos que o primeiro passo seja a conscientização de que o bullying está presente sim em nossas escolas, acarretando conseqüências trágicas, em maior ou menor grau, a todos os envolvidos, quer sejam agressores, vítimas ou expectadores. Para isso é necessário um investimento na formação contínua dos professores, a fim subsidiá-los para que possam não só identificar, mas abordar de forma significativa e eficaz esta problemática. O resultado do estudo desenvolvido trouxe, além da certeza de que este investimento é necessário e urgente, uma sensação de assombro diante do quadro exposto – os dados foram muito mais críticos e contundentes do que o esperado. Bullying não é brincadeira “de menino”, é agressão! É uma prática que traz embutida em si uma drástica conseqüência: a inviabilidade da efetivação do direito de todo ser humano à educação, entendida aqui num sentido muito mais amplo que o da aquisição de conhecimentos científicos. É evidente para nós que o presente estudo não esgota todas as possibilidades de discussão do tema, mas chama a atenção para a urgência no enfrentamento da problemática.



ISSN: 2175-5493

IX COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

5 a 7 de outubro de 2011

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marjorie C. G. Fenômeno Bullying: **Conhecer para Combater**. Disponível em: <<http://www.projetopedagogicosdinamicos.com/bullying01.htm>>. Acesso em 05 ago.2010.

BRASIL. **Constituição da República do Brasil**. São Paulo: IMESP, 1988.
_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol.1.

CARVALHO, Marília P. Violência nas escolas: o “bullying” e a indisciplina. In: **Observatório da Infância**. Agosto/2007. Disponível em <http://www.observatoriodainfancia.com.br/article.php3?id_article=233>. Acesso em 03 ago. 2010.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O brincar e suas teorias**. São Paulo: Pioneira, 2002.

LOPES NETO, Aramis A. Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. vol.81, n.5 (Supl), 2005.

LOPES NETO, Aramis A., MONTEIRO FILHO, Lauro e SAAVEDRA, Lúcia H. **Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes**. ABRÁPIA, s/d. Disponível em <<http://www.bullying.com.br/BPropostaAbrapia24.htm>>. Acesso em 03 ago. 2010.

PIAGET, Jean. **Para onde vai a educação?** São Paulo: J. Olympio, 1988.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

VYGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.